

# Será a África uma nova ameaça para o fornecimento de energia

O fim da guerra em Angola é um alívio em si mesmo, mas o resultado e os meios utilizados para o conseguir dificilmente poderão ser de sossego para os principais países industrializados. Na esteira da intervenção cubana, surgiram novos receios quanto à estabilidade da África do Sul e seria insensato varrê-los do pensamento tendo em conta o impacto que a sua realização teria no preço e segurança do fornecimento de energia.

O fornecimento de energia já foi utilizado como trunfo para alcançar resultados políticos no Médio Oriente; poderá ser utilizado para apoiar objectivos políticos na Rodésia e Namíbia (Sudoeste Africano) dentro de algum tempo no futuro. Seria fácil dizer-se que como a África do Sul não é actualmente uma importante fonte de energia primária para abastecimento do mercado mundial, tal não virá a acontecer. Ora isso ainda era mais verdadeiro no que respeita aos principais países combatentes da guerra de 1973 no Médio Oriente. Nem Israel, nem o Egipto ou a Síria eram exportadores de energia, a menos que se refiram aos terminais de «pipelines» existentes na região; contudo, os seus aliados árabes eram-no, e responderam à situação criada com um corte do fornecimento de petróleo, o que causou a mais profunda alteração na maneira de pensar dos países maiores consumidores de energia.

Do mesmo modo, os países negros do Sul da África não são grandes exportadores de energia. Uma certa transferência de energia existe na região, principalmente em benefício da República da África do Sul que, de longe, tem as maiores necessidades energéticas do continente; seriam essas ligações que se tornariam vulneráveis na eventualidade de um conflito político. Em todo o resto da África, contudo, a energia é uma das principais exportações.

Em termos de recursos energéticos, o continente africano é extremamente rico, excepto no Sul; contudo

as necessidades energéticas per capita são relativamente baixas. Como noutras zonas, o desenvolvimento económico gira à volta da disponibilidade de energia e da tecnologia necessária para a fornecer. A tecnologia só pode ser importada e os recursos têm que ser exportados para a pagar. Em essência é assim que os países produtores de petróleo estabelecem o seu planeamento. Além dos enormes depósitos de petróleo e de gás natural da Argélia e da Líbia no Norte, existe petróleo e gás na Nigéria e em Angola. As explorações em Angola paralisaram com a guerra e o fornecimento de petróleo à exportação está em fase inicial.

A energia hidroeléctrica tem desempenhado um importante papel nos fornecimentos energéticos africanos e continuará a desempenhá-lo, particularmente no Zaire onde os Rápidos do Inga oferecem um potencial hidroeléctrico muito superior ao fornecido pelas três centrais até agora existentes. Na África do Sul e nos países vizinhos o carvão é uma fonte energética muito importante. Na verdade, com reservas de 25 bilhões de toneladas de extracção assegurada, aproximadamente um terço das reservas totais estimadas, a República é um dos mais importantes produtores mundiais de carvão. Já há planos para aumentar as instalações portuárias e as redes ferroviárias a fim de possibilitar a exportação futura de um muito maior volume de carvão.

O aumento do comércio do carvão sul-africano, junto ao aparecimento deste país como um muito importante produtor de urânio, indica que futuramente ele desempenhará o papel de grande fornecedor de combustível a países que tentem diversificar a sua dependência de importações de petróleo. Assim uma evolução política sem sobressaltos é extremamente im-

(\*) Tradução devidamente autorizada do editorial da «Energy International», de Maio de 1976.

portante na zona, quer para os seus habitantes quer para o resto do mundo.

Uma perspectiva do maior interesse seria o futuro esquema de fornecimento de energia no caso de todos os povos africanos concordarem em resolver pacificamente as suas divergências, isto é, a «détente» na zona. Poderia assim abrir-se caminho a uma utilização mais racional dos recursos energéticos no próprio continente?

Existindo boa vontade política, poderia, provavelmente, ainda que a ideia de interdependência energética custe a ser aceite por povos que viveram lado a lado, durante anos, numa coexistência difícil que se tornou ainda pior com a retirada dos portugueses da região. Não é só entre brancos e pretos que há falta de confiança. Não obstante, tecnicamente, a transferência de energia está sendo estudada, e já existem alguns elementos de uma rede de transferência.

Os consumidores de energia são as indústrias de extracção e tratamento dos minérios, e, na República da África do Sul, a indústria transformadora. As principais fontes energéticas são os rios Zaire e Zambeze, e as zonas carboníferas que se estendem da África do Sul até à Botsuana, Suazilândia, Rodésia e Zâmbia. Actualmente a maior produção e consumo de energia

encontra-se na África do Sul e esta continuará a ultrapassar o resto da África no previsível futuro. Os outros maiores consumos encontram-se nas zonas de produção de cobre da Zâmbia e do Zaire. A provável criação de aproveitamentos mineiros em Angola fomentará novas necessidades de energia.

Actualmente uma linha de transporte de corrente contínua em alta tensão está a ser montada dos Rápidos de Inga no Zaire Ocidental até à região de Shaba a 1800 km para o Sudeste. A Zâmbia, cujos recursos hidroeléctricos estão sendo aproveitados de modo a bastar-se a si própria num futuro próximo, estabeleceu uma certa ligação entre a sua rede de corrente alternada de 330 kV e o Zaire, enquanto que, em Moçambique, a rede de contínua em alta tensão de Cabora Bassa alimenta a zona industrial em torno de Joanesburgo. Para muita gente, pareceria possível ligar essas três redes, a fim de obter um corredor de transferência de energia entre as maiores fontes de energia e consumos na África do Sul.

A escolha é clara: ou a «détente» promove uma participação no fornecimento de energia a bem do desenvolvimento da África, ou haverá um conflito sangrento cujas repercussões agitarão o já turbulento «pool» energético do mundo exterior ■